



PALESTRA 1 DO LIVRO *EMERGENT EVOLUTION* (THE GIFFORD LECTURES): EMERGÊNCIA



C. Lloyd Morgan

Tradutora: Cristiane Xerez Barroso

I. Emergentes e Resultantes. II. O esquema piramidal. III. Involução e Dependência. IV. Em direção ao Espaço-Tempo. V. Deidade.

§ I. Emergentes e Resultantes

Nós vivemos em um mundo em que parece haver uma sequência ordenada de eventos. É função da ciência, e de uma filosofia que se mantém em contato com a ciência, descrever o curso dos eventos neste ou naquele momento de sua ocorrência e descobrir o plano segundo o qual eles prosseguem. Evolução, no sentido amplo da palavra, é o nome que damos ao abrangente plano de sequência de todos os eventos naturais.

Mas a sequência ordenada, vista historicamente, parece apresentar, de tempos em tempos, algo genuinamente novo. No que aqui denomino de evolução emergente, a ênfase é colocada na chegada do novo. Exemplos relevantes são oferecidos no advento da vida, no advento da mente e no advento do pensamento reflexivo. Mas, no mundo físico, a emergência não é menos exemplificada pelo advento de cada novo tipo de átomo e de cada novo tipo de molécula. Está além da capacidade do homem enumerar os casos de emergência. Mas se nada de novo surgir – se houver apenas um reagrupamento de eventos pré-existentes *e nada mais* –, então não há evolução emergente.

A afirmação naturalista é que, com base nas evidências, não apenas átomos e moléculas, mas organismos e mentes, são suscetíveis de tratamento por métodos científicos

fundamentalmente do mesmo tipo; que todos pertencem a um mesmo tecido de eventos; e tudo isso exemplifica um plano fundamental. Em outras palavras, a posição é que, em uma filosofia baseada no procedimento sancionado pelo progresso da pesquisa e do pensamento científicos, o advento de qualquer tipo de novidade deve ser lealmente aceito onde quer que seja encontrado, sem invocar qualquer Poder extranatural (Força, Enteléquia, *Élan* ou Deus) através da Atividade eficiente da qual os fatos observados podem ser explicados. Surge então a questão de saber se tal interpretação científica ou naturalista é suficiente, ou se alguma explicação supranaturalista adicional é admissível no tribunal da filosofia, não como substituta, mas como complemento do resultado da investigação científica. Eu afirmarei que isso é admissível e que não há nada na evolução emergente, que se pretende estritamente naturalista, que impeça um reconhecimento de Deus. Isto implica (1) que uma filosofia construtiva é mais do que ciência, e (2) que tal reconhecimento deve aqui ser fundado apenas em considerações filosóficas.

O conceito de emergência foi tratado (para não retroceder ainda mais) por J. S. Mill, em seu *Logic* (Bk. III. cap. vi. §2), sob a discussão de “leis heteropáticas” na causalidade. A palavra “emergente”, em contraste com “resultante”, foi sugerida por G. H. Lewes em seu *Problems of Life and Mind* (Vol. II. Prob. V. ch. iii. p. 412). Ambos apresentam exemplos da química e da fisiologia; ambos tratam de propriedades; ambos distinguem aquelas propriedades (a) que são apenas aditivas e subtrativas e previsíveis, daquelas (b) que são novas e imprevisíveis; ambos insistem na afirmação de que estas últimas, tanto quanto as primeiras, se enquadram na rubrica da causalidade uniforme. Um exemplo simples e familiar deve ser suficiente. Quando o carbono com certas propriedades se combina com o enxofre com outras propriedades, forma-se não uma mera mistura, mas um novo composto, algumas das propriedades são bastante diferentes daquelas de qualquer um dos componentes. Já o peso do composto é uma resultante aditiva, a soma dos pesos dos componentes; e isso poderia ser previsto antes que qualquer molécula de dissulfeto de carbono fosse formada. Nós poderíamos dizer antecipadamente que, se o carbono e o enxofre se combinarem em quaisquer proporções verificáveis, o resultado será tal e tal peso. Mas diversas outras propriedades são emergentes constitutivas que (afirma-se) não poderiam ser previstas antecipadamente em qualquer caso de tal combinação. É claro que quando se aprende o que emerge *neste* caso particular, pode-se prever o que surgirá *naquele* caso sob circunstâncias semelhantes. Nós aprendemos algo sobre o plano natural da evolução emergente.

Tal emergência do novo é agora amplamente aceita no que diz respeito à vida e à mente. É uma doutrina incansavelmente defendida pelo Professor Bergson. Wundt

pressionou a sua aceitação sob o seu “princípio das resultantes criativas” (isto é, o que distinguimos como emergentes) que, diz ele, “tenta afirmar o fato de que, em todas as combinações psíquicas, o produto não é uma mera soma dos elementos separados... mas representa uma nova criação”. (I.P. p. 164). Browning, em *Abt Vogler*, enfatizou-a poeticamente em referência à nossa apreciação de um acorde musical.

E não sei se, exceto nisso, tal dádiva será permitida ao homem

Que de três sons ele enquadra, não um quarto som, mas uma estrela¹.

Ao chamar “estrela”, ele dá ênfase poética ao caráter emergente da “harmonia”, que é algo mais do que a resultante aditiva dos tons constituintes – algo genuinamente novo. Se for dado em, ou para, nossa audição, tudo o que podemos dizer é: “Considere e incline a cabeça”. Essa, em certo sentido, deveria ser a nossa atitude leal para com todos os emergentes. Como diz o professor Alexander, devemos aceitá-los, todos e cada um, “com piedade natural”.

O professor M'Dougall distingue analiticamente o que se pode denominar de notas constituintes no acorde de *reverência*. Existe um elemento de terna emoção ou amor, de medo, adequadamente definido, de admiração; há uma atitude de consideração ascendente em relação a alguém que está em um nível superior; e assim por diante. Estas e outras semelhantes são as notas aditivas que são resumidas em reverência. Mas não há também algo mais; algo que confere ao resultado aditivo seu caráter distintivo de reverência; algo do qual podemos dizer: “Considere e incline a cabeça”? Se assim for, aquilo que dá à combinação destas diversas notas o seu caráter de acorde é, na nossa interpretação, uma qualidade emergente.

Browning, note-se, não nega a soma das notas constituintes do acorde; ele afirma que há mais no acorde do que pode ser interpretado apenas como o resultado da soma. Os caracteres aditivos, como resultantes, podem ser – aceitarei a hipótese de que sempre são – coexistentes com caracteres constitutivos, como emergentes. Muitas vezes, pode haver resultantes sem emergência; mas não há emergências que não envolvam também efei-

¹ “And I know not if, save in this, such gift be allowed to man
That out of three sounds he frame, not a fourth sound, but a star”.

tos resultantes. Resultantes dão continuidade quantitativa que fundamenta novos passos constitutivos na emergência. E o passo emergente, embora possa parecer mais ou menos saltitante, é melhor considerado como uma mudança qualitativa de direção, ou um ponto de virada crítico, no curso dos eventos. Nesse sentido, não há a ruptura descontínua de uma lacuna ou de um hiato. Pode-se dizer, então, que através das resultantes há continuidade no progresso; através da emergência há progresso na continuidade.

Lewes diz que a natureza dos caracteres emergentes só pode ser aprendida pela experiência da sua ocorrência; portanto, eles são imprevisíveis antes do evento. Mas, pode-se afirmar, que isto é verdade para todos os caracteres, sejam eles resultantes ou emergentes. Somente como resultado da experiência, eles podem ser preditos. Isso, em certo sentido, é assim. O ponto de ênfase, no entanto, é este. Suponhamos que haja três níveis sucessivos de eventos naturais, A, B e C. Que haja em B um *tipo de relação* que não está presente em A; e em C, um tipo de relação ainda não presente em B ou em A. Se então alguém vivesse e ganhasse experiência no nível B, não poderia prever os caracteres emergentes do nível C, porque as relações, das quais eles são a expressão, ainda não existem. Nem se vivêssemos no nível A, nós poderíamos prever o caráter emergente dos eventos-*b*, porque, *ex hypothesi, tais eventos não* existem ainda. O que, afirma-se, não se pode prever então é a expressão emergente de algum novo tipo de relacionamento entre eventos preexistentes. Não se poderia prever o caráter emergente dos eventos vitais apenas a partir do conhecimento mais completo possível dos eventos físico-químicos, se a vida for um acorde emergente e não meramente uma soma, por mais complexa que fosse, das notas-*a* constituintes. Essa é a hipótese aceita na evolução emergente.

Não se nega nem se ignora a evidência de que alguns caracteres aditivos ou resultantes são, por assim dizer, discretamente incrementais. Nem se pode negar que, somente através da experiência, se pode aprender a ordem incremental. Não parece improvável que os denominados elementos difiram pela adição sucessiva de um elétron. Até oito deles podem ser representados como formando um elétron planetário interno, ou um conjunto de elétrons, girando em torno de um núcleo solar. Outras adições são em uma esfera orbital mais ampla, novamente até oito. Além disso, temos um terceiro e ainda mais amplo curso orbital dos elétrons adicionados; e assim por diante. Mas parece também que existem certos caracteres constitutivos ou qualitativos que distinguem instâncias de +1, +2, +3, . . . incrementos em órbitas sucessivas. Eles possuem certas características em comum e formam grupos familiares. Pode-se dizer que, em cada grupo familiar, não existe somente uma resultante incremental, mas também um tipo específico de relacionamento integral no qual os caracteres constitutivos de cada membro do grupo são uma expressão emergente? Se assim for, temos aqui um exemplo do que se entende por evolução emergente.

Em um campo diferente da investigação científica, muito tem sido feito ultimamente para tornar provável a continuidade resultante entre o não-vivo e o vivo. Nenhum evolucionista provavelmente subestimar­á o seu valor. Mas ainda podemos perguntar se não existe, em algum estágio deste processo, um novo caráter emergente de vida, cuja superveniência deve ser aceita com piedade natural e descrita em termos adequados de integração vital ou não. Parece haver algo genuinamente novo em algum estágio da continuidade resultante.

E se continuarmos a história, com o discurso presidencial do Dr. E. J. Allen (Brit. Assoc. Sec. D. 1922), sobre *The Progression of Life in the Sea*, como nosso guia, embora a ênfase esteja talvez na continuidade resultante, ele pergunta repetidamente se não há emergência também.

Há mais uma questão preliminar sobre a qual algumas palavras devem ser ditas. É bastante certo que a interpretação da natureza que apresento será, em alguns setores, caracterizada como mecânica e viciada por uma aceitação acrítica do que, às vezes, é denominado de “o dogma mecanicista”. O estranho aqui é que toda a doutrina da emergência é um protesto contínuo contra a interpretação mecânica, e a própria antítese daquela que é mecanicista. Não interpreta a vida em termos de física e química. Não interpreta a mente em termos de padrões de receptores e rotas neuronais. Aqueles que supõem que isso acontece entendem totalmente mal o seu significado.

Deve-se, contudo, caracterizar de alguma forma o que deve ser considerado aqui como a nota-chave do mecanismo. Eu deveria caracterizá-la assim: a característica essencial de uma interpretação mecânica – ou, se preferir, mecanicista – é que ela é feita apenas em termos de efeitos resultantes, calculáveis por soma algébrica. Ela ignora algo mais que deve ser aceito como emergente. Ela considera um composto químico apenas como uma mistura mecânica mais complexa, sem qualquer novo tipo de relação entre os seus constituintes. Ela considera a vida como um reagrupamento de eventos físico-químicos sem qualquer novo tipo de relação expressa em uma integração que parece, segundo as evidências, marcar um novo ponto de partida na passagem dos eventos naturais. Contra tal interpretação mecânica – tal dogma mecanicista – a evolução emergente levanta-se em protesto. A essência da sua afirmação é que tal interpretação é bastante inadequada. Resultantes existem; mas também há emergência. Sob tratamento naturalista, porém, a emergência, em todos os seus graus ascendentes, é lealmente aceita, segundo as evidências, com piedade natural. O fato de não poder ser interpretada mecanicamente apenas em termos de resultantes é, precisamente, aquilo pelo qual é nosso objetivo lutar com

ênfase reiterada. Mas o fato de só poder ser explicada invocando alguma força química, algum *élan* vital, alguma entelúquia, em certo sentido extranatural, parece-nos uma metafísica questionável. Pode ser que tenhamos apenas de aceitar os fatos recentemente apresentados – todos os fatos tal como os encontramos – na atitude francamente agnóstica própria da ciência. Ou pode ser que, no reconhecimento de Deus, se encontre uma explicação filosófica última, complementar à interpretação científica. Essa será a posição que eu tentarei manter.

§ II. O esquema piramidal

A tentativa mais resoluta de fornecer uma interpretação filosófica da natureza como um todo, com ênfase adequada no conceito de emergência, é a do Professor S. Alexander em *Space, Time, and Deity*. Para chegar aos fundamentos da natureza tal como ela é agora, ele convida-nos a pensar sobre tudo o que surgiu no decurso do progresso evolutivo – tudo o que pode ser excluído antes da aniquilação. Isso nos dá, como um resto inexpugnável, um plano básico de eventos basais finais (movimentos puros) com nada além dos termos espaço-temporais (pontos-istantes) em relações fluentes de ordem semelhante. Ele denomina isso de espaço-tempo, ubíquo, onipresente e inseparavelmente hifenizado. Desta primeira emergiu a “matéria”, com as suas qualidades primárias e, em uma fase posterior, as suas qualidades secundárias. Aqui sobrevêm novas relações, além daquelas que são apenas espaço-temporais. Até agora, portanto, supervenientes aos eventos espaço-temporais, temos também eventos físicos e químicos em graus progressivamente ascendentes. Mais tarde, na sequência evolutiva, surge a vida – uma nova “qualidade” de certos sistemas materiais ou físico-químicos com relações vitais supervenientes que até então não existiam. Aqui, novamente, há graus progressivamente ascendentes. Então, dentro desta matriz orgânica, ou de alguma parte altamente diferenciada dela, já “qualificada”, como ele diz, pela vida, emerge a qualidade superior da consciência ou mente. Aqui, mais uma vez, há graus progressivamente ascendentes. À medida que a evolução mental segue o seu curso, emergem, no estágio reflexivo da mente, as “qualidades terciárias” – ideais de verdade, de beleza e do eticamente correto – tendo relações de “valor”. E além disso, no ápice da pirâmide evolutiva ou próximo a ele, da qual o espaço-tempo é a base, a qualidade da deidade – a mais elevada de todas – emerge em nós, os mais recentes produtos da evolução até o momento.

Este esboço em miniatura faz pouca justiça a uma imagem construída com detalhes elaborados em uma grande tela. O tratamento pretende formular todo o plano natural de evolução. Do espaço-tempo onipresente emergem, na devida ordem histórica, o inorgânico, o orgânico e o mental, em todos os seus graus ascendentes, até que a qualidade da deidade seja alcançada em alguns homens.

Eu posso dar uma expressão diagramática – quanto mais simples e grosseira, melhor – a essa pirâmide de evolução emergente? Na sua base [Figura 1], o espaço-tempo (S.T.) se estende por tudo o que existe. No seu ápice, mas dentro dele, não menos que o espaço-tempo, está a deidade (D), uma qualidade emergente que caracteriza apenas certas pessoas no estágio mais elevado e mais recente da evolução ao longo de uma linha central de avanço. O estreitamento que dá a forma piramidal expressa o fato de que a gama de ocorrência de eventos materiais, como tais, é mais extensa do que a de eventos que também são vitais, mas não é, na opinião do Sr. Alexander, coextensiva com a gama de espaço-tempo. A seta vertical acima de N representa o que o Sr. Alexander denomina de *nisus*. Ele fala disso como o *nisus* em direção à deidade.

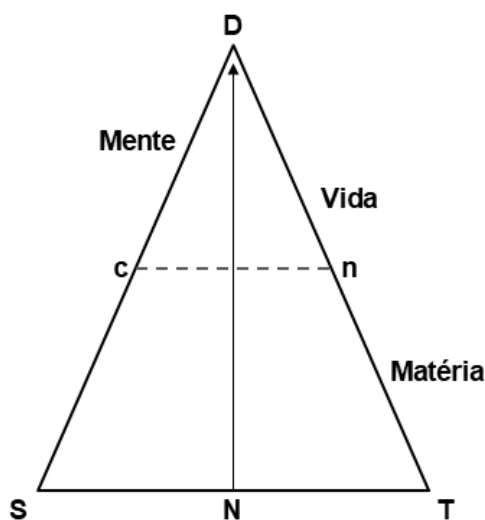


Figura 1

Tal diagrama – pelo qual o Sr. Alexander não é responsável – é, por assim dizer, uma expressão sinóptica, ou gráfico composto, de uma vasta multidão de pirâmides individuais – pirâmides de átomos perto da base, moléculas um pouco mais acima, ainda mais altas, “coisas” (por exemplo, cristais), mais alto ainda, plantas (nas quais a mente ainda não emerge), depois animais (com consciência) e, perto do topo, nossos eus humanos. Classifique como quiser; mas deixemos que cada entidade individual tenha o seu lugar apropriado na pirâmide sinóptica. A intenção é abranger todas as entidades naturais a partir dos átomos – ou, para o Sr. Alexander, de “pontos-instantes” em diante.

Não devemos supor que isso signifique que um átomo se desenvolve em uma molécula, esta em um plastídulo (ou como quer que seja denominado no nível da vida), e assim por diante. Cada entidade superior na série ascendente é um “complexo” emergente de muitas entidades de graus inferiores, dentro do qual um novo tipo de relacionamento dá uma unidade integral. Nós poderíamos dizer que cada *com-plexo* superior assume o papel de *com-plexo* em virtude de sua unidade integral; e que, quanto mais elevado o status de qualquer entidade ao longo da linha de avanço, mais ambos os ramos da palavra composta, e o conceito que ela nomeia, recebem a ênfase indicada pelo itálico.

Uma vez que é bastante certo afirmar que falar de uma qualidade de vida emergente tem cheiro de vitalismo, nós deveríamos aqui dizer entre parênteses, com a devida ênfase, que se o vitalismo conota algo da natureza da Enteléquia ou do *Élan* – qualquer inserção na evolução físico-química de uma influência alienígena que deve ser invocada para explicar os fenômenos da vida – então, longe de isto estar implícito, é explicitamente rejeitada sob o conceito de evolução emergente. Ela começa, deixe-nos dizer, com elétrons e similares; ela vê no átomo um complexo superior; vê na molécula um complexo ainda mais elevado; vê em um cristal de quartzo, ao longo de sua linha de avanço, uma entidade ainda mais complexa; e vê em um organismo, ao longo da sua linha de avanço, uma entidade com um tipo diferente de complexidade referida como integração vital. Se ela fala de vitalismo, por que não também de cristalismo, de molecularismo, de atomismo? Talvez não seja melhor, a este respeito, lançar ao mar todos esses *-ismos* e aliviar o navio de tais estorvos; ou, de qualquer forma, apenas manter “vitalismo” para designar uma doutrina que invoca (como a evolução emergente não invoca) o conceito suplementar de Enteléquia ou *Élan* de alguma ordem díspar de ser?

Aqui, descartando todos esses *-ismos*, nós procuramos indicar linhas de avanço puramente naturalistas, aceitando tais novos tipos de relacionamento como supervenientes, com piedade natural. Mas certamente não devemos supor que o progresso ao longo das linhas de avanço implique que não haja, em detalhe, nenhum retrocesso – nenhuma conversão de entidades superiores em outras de condição inferior – nenhuma degradação ou descida dentro da pirâmide. A desintegração ou involução, não menos que a integração com a evolução emergente, tem de ser levada em conta na história dos sistemas naturais.

Mais uma questão preliminar pode ser colocada em termos do diagrama – cujo benefício (tal como é) reside nas questões que provoca. Se reconhecermos alguma Atividade da qual todos os eventos piramidais são a manifestação, o diagrama sugere que, neste, naquele ou em outro nível – este da matéria, aquele da vida, o outro da mente, e talvez

acima de tudo quando a autoconsciência racional é emergente – há uma inserção especial *Ab Extra*? Ele sugere que a superveniência emergente deve ser explicada pela intervenção divina (ou outra)? Isto é exatamente o que o diagrama pretende, para o bem ou para o mal, impedir. Do ponto de vista estritamente emergente, qualquer noção de um denominado “influxo alienígena na natureza” é proibida. E se reconhecermos a Atividade Divina, da qual para a minha filosofia construtiva a evolução emergente é a expressão, ela deve ser concebida como *onipresente e manifestada em cada uma das numerosas entidades dentro da pirâmide*. Deus, se existe, está em todos, sem distinção de entidades.

E se não houver inserção Divina em pontos esporádicos – digamos, no nível da vida, da mente em seu início, ou da consciência reflexiva – não há, certamente, para nós, nenhum outro tipo de inserção. Todas as qualidades emergem *dentro da pirâmide*. A vida e a mente em nenhum sentido agem nela, ou em qualquer parte dela, de fora – de alguma ordem díspar de ser.

Na medida em que expressa, ainda que inadequadamente, o esquema filosófico do Sr. Alexander, as principais dificuldades sugeridas pelo diagrama surgem em conexão com a base e o ápice da pirâmide, e no que diz respeito ao conceito de *nisus* que introduzi no diagrama, porque ele é, penso eu, para ele uma característica fundamental. Como ele lida com essas dificuldades pode ser aprendido em seu livro, em suas declarações subsequentes em *Mind* (Vol. XXX. N.S. p. 409) e em sua recente palestra sobre *Spinoza and Time*.

Uma dificuldade adicional centra-se na relação da mente para a vida e, portanto, na ordem descendente para a matéria. Pois a mente, por um lado, e a matéria, por outro, parecem ser, em algum sentido especial, heterogêneas na própria natureza do seu ser. Como então, certamente se perguntará, um pode “emergir” do outro?

Ainda surge outra dificuldade quando lembramos que o diagrama pretende ser a expressão sinóptica de um vasto número de pirâmides individuais. Tomemos dois deles – um em que a mente é emergente; outro, digamos, um cristal de quartzo, em que o ápice não se eleva acima do nível da matéria. Como pode o primeiro, em certo sentido, conhecer (perceber) o último? Como o Sr. Alexander poderia dizer: como pode o mental, como qualidade de um, apreender o não-mental pelo qual o outro é “qualificado” de acordo com seu status evolutivo inferior? Este problema cognitivo é central para qualquer filosofia. Isso atrairá grande parte da nossa atenção em tudo o que se segue.

§ III. Involução e Dependência

Até o momento, eu usei as palavras “superior” e “inferior”, assumindo como certo que o seu significado seria entendido de uma forma geral. Com base neste entendimento, nós poderíamos concordar que os eventos naturais ao nível da mente são superiores aos do nível da vida, e estes são superiores aos eventos ao nível da matéria. Mas devemos agora perguntar: superior em que sentido? Eles podem ser superiores em mais sentidos do que um. O que quero dizer aqui, contudo – como aquilo em que o conceito piramidal se baseia em grande medida – é mais elevado em um sentido especial, do qual dependerá grande parte do meu tratamento.

Quando dois ou mais tipos de eventos, como os que mencionei anteriormente como A, B e C, coexistem em um sistema complexo de tal maneira que o tipo C envolve a coexistência de B, e B da mesma maneira envolve A, enquanto o tipo A não envolve a coexistência de B, nem de B a de C, nós podemos falar de C, como, neste sentido, superior a B, e B a A. Assim, para a evolução emergente, eventos conscientes no nível C (mente) envolvem eventos fisiológicos específicos no nível B (vida), e estes envolvem eventos físico-químicos específicos no nível A (matéria). Não há C sem B, e não há B sem A. Não há mente sem vida; e não há vida sem “uma base física”.

Observem que eu uso a palavra “envolver”. Falo de eventos em qualquer nível da pirâmide da evolução emergente como “envolvendo” eventos simultâneos em níveis inferiores. Agora, o que emerge em qualquer dado nível proporciona um exemplo daquilo que denomino de um novo tipo de relacionamento, do qual não existem exemplos em níveis inferiores. O mundo foi sucessivamente enriquecido pelo advento de relações vitais e conscientes. Nós devemos aceitar isto “com piedade natural”, como diz o Sr. Alexander. Se for encontrado como dado de alguma forma, deve ser tomado tal como o encontramos.

Mas quando algum novo tipo de relacionamento é superveniente (digamos, no nível da vida), o modo como os eventos físicos envolvidos seguem seu curso é diferente em virtude de sua presença – diferente do que teria sido se a vida tivesse sido ausente. Se for assim, com base nas evidências, também deve ser aceito com piedade natural. Parece-me que, com base nas evidências, é assim. Como, então, devemos dar-lhe expressão? Direi que esta nova maneira pela qual os eventos inferiores acontecem – este toque de novidade no avanço evolutivo – *depende do* novo tipo de relacionamento que é expresso naquilo de que o Sr. Alexander fala como uma qualidade emergente.

A posição então é esta: eventos do tipo que denominamos C *envolvem* eventos do tipo que denominamos B; e estes, por sua vez, envolvem eventos-*a*. Mas, em qualquer caso concreto, o modo específico como os eventos-*a* seguem o seu curso, aqui e agora, *depende da* presença específica de alguma fase de relacionamento-B vital; e da mesma forma, a maneira específica como esses eventos-*b* seguem seu curso – no comportamento, por exemplo – depende da relacionamento-C consciente que possa estar presente.

Devo implorar que este significado especializado associado às palavras “envolver” e “depende de”, respectivamente, seja constantemente mantido em mente. De forma alguma, estou apegado a esse modo de expressão verbal; mas acredito que, o que procuro expressar assim, é de muita importância. De qualquer forma, grande parte do que direi a seguir dependerá disso.

A ênfase na “dependência” não é menos essencial do que a na “involução”. Em um sistema físico onde a vida tenha emergido, a forma como as coisas acontecem é elevada a um plano superior. Em um organismo no qual a consciência é emergente, um novo curso de eventos depende da sua presença. Em uma pessoa em quem o pensamento reflexivo é emergente, o comportamento é sustentado em um nível mais elevado. Se a qualidade da deidade for superveniente, o plano de conduta será ainda mais elevado. Elimine a deidade e a conduta não será mais sustentada nesse nível. Elimine a consciência reflexiva e a ação será de ordem impulsiva inferior. Elimine toda consciência e comportamento orientadores que sejam apropriados ao nível de vida. Elimine a vida e o curso dos eventos descerá ao nível físico. As novas relações emergentes em cada nível superior orientam e sustentam o curso dos eventos característicos daquele nível, que, na fraseologia que sugiro, depende da sua presença contínua. Na sua ausência, segue-se a desintegração.

Deixe-me exemplificar melhor dando passos progressivos na evolução mental em seu lado cognitivo. Eu distinguirei agora (*c*) pensamento contemplativo, (*b*) percepção ingênua e (*a*) percepção sensorial. A gênese evolutiva do pensamento contemplativo envolve aquilo que já foi desenvolvido no nível inferior da percepção ingênua; e a gênese de tal percepção envolve, como historicamente anterior, a percepção sensorial. Não se pode ter pensamento a menos que a percepção tenha fornecido alguns dos dados necessários; não se pode ter percepção a menos que seus fatores representativos tenham sido derivados da percepção sensorial precedente. Até agora involução. Mas, ao nível do pensamento contemplativo, *como* a percepção segue o seu curso depende da orientação da consciência reflexiva, na medida em que coexistem; e *como* o que é dado na percepção sensorial toma forma depende da orientação da percepção, se esse nível tiver sido alcançado. Não se pode,

portanto, aceitar o velho ditado: *Nihil in intellectu quod non prius in sensu*; se isso significa que não há nada *mais* no pensamento do que na percepção ingênua, e nada *mais* nisso do que é dado primariamente pelo sentido. Não, pelo contrário, aqueles que podem ser levados a aceitar a evolução emergente considerarão este velho ditado como radicalmente falso, apenas porque não leva em conta aquela emergência da qual o progresso natural depende tanto. Leibniz's pregnant rider, *sive intellectus ipse*, recebe justificação evolutiva, embora talvez não no sentido que pretendia.

§ IV. Em direção ao Espaço-Tempo

Nós temos agora que seguir o Sr. Alexander para baixo, em direção à base espaço-temporal da pirâmide. Mas devemos primeiro compreender claramente o uso que ele faz da palavra “qualidade”. Ele fala da emergência de novas qualidades. Ele diria que, em algum estágio da evolução inorgânica, surgiu esta ou aquela denominada qualidade secundária, como a cor; que, em algum estágio posterior do processo evolutivo, surgiu a qualidade de vida; e ainda mais tarde a qualidade da consciência. Eu usarei frequentemente a palavra “qualidade” neste sentido. Mas a minha própria interpretação segue mais as linhas do que denomino de relacionamento. A discussão de relacionamento, à qual dedicarei o terceiro capítulo, requer a consideração dos termos em relação ao interior de qualquer campo de relacionamento, e das relações desses termos. Relacionamento, no meu sentido da palavra, inclui ambos; não apenas os termos; não apenas as relações; pois eles nunca poderão ser divorciados se meu uso da palavra “termo” for provisoriamente aceito. Eu falarei do relacionamento que existe inteiramente dentro de qualquer sistema como *intrínseco*; e distinguirei o relacionamento deste sistema com algum outro sistema, ou sistemas, como *extrínseco*. O sistema de relacionamento intrínseco denominarei provisoriamente de entidade. Na medida em que o caráter de uma entidade natural é determinado pelo relacionamento intrínseco, falarei dela como uma qualidade que é uma expressão desse relacionamento intrínseco. Na medida em que o caráter de uma entidade natural é determinado pelo relacionamento extrínseco com outras entidades semelhantes, falarei dele como uma propriedade que expressa esse relacionamento extrínseco (cf. § XXXIII).

Neste entendimento, o que é superveniente em qualquer fase emergente do progresso evolutivo é um novo tipo de relacionamento – novos termos em novas relações – até então não existente. Em virtude desses novos tipos de relacionamento, as entidades naturais não apenas possuem novas qualidades dentro de seu próprio ser, mas também

novas propriedades em relação a outras entidades. As entidades superiores não são apenas diferentes em si mesmas; mas elas agem e reagem de maneira diferente na presença de outras. Em qualquer fase da evolução emergente, as questões são então: qual é o novo tipo de relacionamento que sobrevém? Quais são os novos termos e quais as relações? Que diferença intrínseca existe na entidade que atinge este nível superior, e que diferença existe no seu relacionamento extrínseco com outras entidades? Quando, por exemplo, uma entidade se torna um organismo, por mais baixa que seja sua condição, que diferença intrínseca é superveniente e que diferença extrínseca existe em relação ao seu “mundo”? Deveria tornar-se uma entidade superior na qual o relacionamento consciente está presente, além de tudo o mais que está envolvido – que diferença isso faz?

Agora, para que haja uma diferença no curso dos eventos, o relacionamento em questão deve ser o que denominarei de *efetivo*. Com isto quero dizer que, quando está presente, ocorre alguma mudança no curso dos eventos existentes, o que não ocorreria se estivesse ausente.

Eu terei a oportunidade de insistir daqui em diante, contra os behavioristas radicais, que a orientação mental dos eventos conta para o progresso e indica um tipo de relacionamento que é efetivo. Quando ele está presente, ocorrem mudanças que não ocorrem na sua ausência. A maneira de agir no sistema enriquecido é diferente. É isso que quero dizer quando falo da orientação como dependente do tipo de relacionamento superveniente ao nível da mente. Passando de um estágio, aceito com piedade natural a evidência de que há mais nos eventos que ocorrem no organismo vivo do que pode ser adequadamente interpretado em termos de física e química, embora eventos físico-químicos estejam sempre envolvidos. Mudanças ocorrem no organismo quando o relacionamento vital está presente, o que não ocorre quando a vida está ausente. Esse relacionamento é, portanto, efetivo. Descendo do nível da vida para o da matéria, ninguém provavelmente negará que os tipos de relacionamento das ordens química e física são solidamente efetivos, no sentido de que o curso dos eventos é diferente quando estão presentes daquele que ocorre em suas ausências.

Aqui alguém pode intervir e perguntar: por que esta fraseologia incômoda e pedante? Por que relacionamento? Por que não esta ou aquela força como a causa de tal ou tal mudança no que você denomina a maneira como os eventos acontecem? Estamos todos bastante familiarizados com as forças da natureza inorgânica. E os materialistas costumavam dizer-nos que estas são as únicas forças e que a vida, para não ir mais longe, é uma mera recombinação sutil de eventos puramente físico-químicos. Aparentemente,

você tem que confessar que eles estavam enganados; no entanto, você evita admitir que a vida é um tipo de força nova e diferente.

Eu procuro apenas evitar ambiguidade. Sei muito bem que os físicos falam da força de coesão — para citar apenas um exemplo. Mas o que eles querem dizer? Eles querem dizer mais, neste ou em qualquer outro exemplo, do que isso, dadas tais e tais entidades que funcionam como termos em certas relações descritíveis, esta ou aquela mudança ocorre. Isto, creio eu, e nada mais do que isso, é o que a maioria dos físicos modernos quer dizer. Mas o que muitos que *leem sobre* ciência entendem que isso significa é que existe alguma agência que torna as entidades coerentes. Esta agência é o que eles entendem por força da coesão. E então perguntam por que se presume negar que a vida, também, é uma agência – a força vital que faz os organismos viverem. Há, então, alguma ambiguidade na palavra “força”. E é isso que procuro evitar ao usar a palavra “relacionamento”, que pretende excluir o conceito de “agência” ou “atividade” de qualquer lugar na interpretação científica.

Neste entendimento, nós distinguimos mente, vida e matéria. Dentro de cada uma delas, é claro, existem muitas subordens emergentes de relacionamento. Cabe à ciência resolver os detalhes – à psicologia, à biologia, à química e à física. Uma filosofia construtiva, ao lidar apenas com resultados líquidos, não deve aceitar nada que seja discrepante com as descobertas destes ramos departamentais da ciência. Nem deve aceitar nada que seja contraditório com o resultado da crítica filosófica moderna dos conceitos fundamentais sobre os quais as ciências departamentais solidamente constroem as suas superestruturas.

A posição que alcançamos, então, é a de que existem diferentes sistemas naturais a serem considerados – com sistemas mente-vida-matéria; sistemas matéria-vida; e sistemas matéria. No nível superior, existem modos de relacionamento efetivo que não estão presentes no nível médio; no nível médio, existem modos de relacionamento que não estão presentes no nível inferior.

Mas o que é o nível inferior? O Sr. Alexander nos convida a descer um degrau até o espaço-tempo. Um sistema integral sem mente é somente vida-matéria; um sistema integral sem vida é apenas material. Mas mais baixo ainda é aquilo que, na ausência de matéria, é somente espaço-tempo. Na ordem ascendente do progresso evolutivo, o espaço-tempo ainda não tem nenhum relacionamento físico efetivo; a matéria emerge, mas ainda não tem nenhum relacionamento vital, tem a matéria, mas ainda não tem nenhum relacionamento com a mente. O que então o espaço-tempo tem? Ele tem somente o relacionamento espaço-temporal em um *continuum* dentro do qual os pontos-instantes são termos em parceria que muda constantemente, proporcionando movimento puro.

Deve-se perguntar aqui: (1) o relacionamento espaço-temporal é capaz de existir independentemente de quaisquer eventos físicos? (2) Quando ele coexiste com eventos físicos que então se tornam espacial-temporal-e-físico, o fator espaço-temporal como tal é efetivo? A esta última questão não se pode dar resposta com base no *nosso* critério. Uma vez que o relacionamento espaço-temporal é ubíquo e universalmente presente, esse critério de presença ou ausência deixa de ser aplicável. Eu acredito que o Sr. Alexander responderia afirmativamente a ambas as perguntas. Espaço-tempo é, para ele, a base primordial da pirâmide e era existente antes da emergência de quaisquer eventos físicos. E o relacionamento espaço-temporal é efetivo de qualquer forma, no sentido de que permite o movimento fundamental do universo através do fluxo incessante do tempo. Os fundamentos metafísicos de seu esquema construtivo e suas implicações metafísicas multifacetadas estão estabelecidos em *Space, Time, and Deity*.

Muito mais modesto é o esquema construtivo que o alcance e a penetração mais limitados da minha visão especulativa me permitem considerar. Eu procuro em vão evidências de que o relacionamento espaço-temporal existe independentemente dos eventos físicos. Não posso ir mais fundo do que eventos que, em sua forma primordial, não são apenas espaço-temporais, mas também físicos. Além disso, embora reconheça o fluxo dos eventos físicos, sempre sujeito a relacionamentos espaço-temporais, duvido que o conceito da fluência do tempo, sobre o qual tantas coisas giram, resistirá ao teste da crítica filosófica. Que intrínseco a todo mínimo evento físico, e extrínseco como entre tais eventos, há (a) relacionamentos espaciais aqui-lá e que há (b) relacionamentos temporais agora-depois – sempre correlacionados tão inseparavelmente (ab) – me parece ser inegável; mas para a crença de que os relacionamentos aqui-lá ou agora-depois, solidamente e *como tais*, é efetiva na determinação do curso ou eventos físicos, não encontro nenhuma evidência satisfatória. Fluência existe; mas ela é a fluência dos eventos naquilo que é metodologicamente concebido como um enquadramento espaço-temporal.

Metafisicamente, meu modesto esquema não será comparável ao elaborado com admirável habilidade pelo Sr. Alexander, mas é tudo o que tenho a oferecer.

Quão longe então posso ir em direção a um nível basal de espaço-tempo? Somente até ao ponto de reconhecer um mundo físico em que o relacionamento espaço-temporal é ubíquo, mas como tal é não efetivo. Em outras palavras, eu aceito, como uma preocupação constante, tal mundo físico que possa proporcionar uma base para aquilo que tem sido descoberto no decorrer da pesquisa científica. Mas, como terei ocasião de confessar, considero a existência independente de tal mundo físico em seu direito próprio como não

suscetível de comprovação sob rígida crítica filosófica. Portanto, aceito-o sob o que denomino de reconhecimento. Aceito-o, em resumo, como parte de um esquema construtivo de evolução emergente.

Dito de outra forma, um mundo físico de forma alguma inconsistente com o resultado positivo das pesquisas departamentais nos vários ramos da ciência, por um lado, e de uma filosofia crítica que lida com os conceitos fundacionais nestes ramos da ciência, por outro – isso parece estar na base da nossa pirâmide. E se não puder ser estabelecida com base em evidências positivas, contento-me em reconhecer a sua existência como parte daquilo que pretende ser uma filosofia construtiva da evolução emergente. Sr. Alexander vai além.

§ V. Deidade

Ao tentar avançar em direção à deidade que, deve ser lembrado, é uma qualidade emergente dos sistemas naturais mais elevados que conhecemos, ou seja, algumas pessoas humanas – comecemos pelo espaço-tempo do Sr. Alexander. Mesmo neste nível basal, ele fala do tempo como a mente do espaço. Ele nos adverte, entretanto, que ele não “quer dizer que o tempo é mente ou qualquer grau inferior de mente” (STD II. p. 44). O que então ele quer dizer? Ele quer dizer, penso eu, que por todo o universo, da base ao ápice da pirâmide, existem dois “atributos” diversos, como Spinoza os denominou, ou “aspectos”, às vezes chamados de “internos” e “externos”. Todas estas palavras, por falta de melhores, nomeiam um tipo bastante singular de diversidade ou dualidade, que, afirma-se, é inerente à natureza de todos os eventos. Eu denominarei sua união inseparável de “correlação” (cf. Huxley, ii. p. 163) em um sentido da palavra que inclui o que o Sr. Alexander denomina de identidade (S.T.D. II. p. 5).

Sem subscrever a doutrina do Sr. Alexander sobre o tempo como, em qualquer sentido, a mente do espaço – isto é, excluído pela minha atitude em relação ao relacionamento espaço-temporal –, eu aceito plenamente a correlação de sistemas irrestritos e universais e não psíquicos como um reconhecimento – declaradamente especulativo, e reconhecidamente além da prova positiva (ou refutação), mas essencial para a minha filosofia construtiva da evolução. Isto significa, para mim, que não existem sistemas físicos, de status integral, que não sejam também sistemas psíquicos; e nenhum sistema psíquico que não seja também sistema físico. Todos os sistemas de eventos são, em seu grau, psicofísicos. Ambos os atributos, inseparáveis em essência, estão presentes em todo o universo das

entidades naturais. Isto é grosseiramente representado pela linha pontilhada *c.....n*, cruzando o diagrama anterior [Figura 1]. Toda entidade natural, digamos do átomo ao homem, expressa ambos os atributos enquanto ainda preserva sua identidade substancial, em algum sentido desta frase. O conceito é familiar aos estudantes de Spinoza, que diz com efeito que o aspecto físico do correlato que constitui a mente humana é o corpo (*Eth.* Pt. ii. Prop. 13), e tem o cuidado de acrescentar no *scholium* que isto se aplica “não mais para os homens do que para outras coisas individuais, todas as quais, embora em graus diferentes, são animadas”, isto é, “gozam” à sua própria maneira do correlato psíquico.

Eu repito que isso decorre da natureza das coisas e não é suscetível de prova positiva; mas também está, eu insisto, além da refutação.

Seja como for que possamos expressá-lo, há duas maneiras bastante diferentes pelas quais nós, seres humanos, estamos familiarizados com os eventos psicofísicos. De certa forma, estamos familiarizados com a sua natureza física. Por outro lado, com sua natureza psíquica. M. Bergson fala deste último modo como intuição; Sr. Alexander como gozo. E esta última forma é restrita a cada sistema integral – a você, a mim ou a outro.

Agora, quando discutimos a mente, no seu nível evolutivo apropriado, nós nos instalamos no atributo psíquico; e então reconhecemos os correlatos físicos de todos os eventos mentais nesse sistema psíquico. Mas quando nós discutimos sistemas físicos, como tais, então reconhecemos correlatos psíquicos do curso dos eventos nesses sistemas. Nós nomeamos o nível da mente do ponto de vista da abordagem psíquica, reconhecendo (entre parênteses, por assim dizer) correlatos físicos. Nós nomeamos o nível de vida a partir da abordagem física, reconhecendo (entre parênteses) correlatos psíquicos. E o mesmo acontece no nível da matéria. Portanto, nosso esquema abrangente funciona assim:

C, Mente (com correlatos físicos).

B, Vida (com correlatos psíquicos).

A, Matéria (com correlatos psíquicos).

É no nível C que parece haver evidência positiva de *alguma* correlação. Mas mesmo aqui nós devemos confessar que não há nenhuma prova positiva de que *todos* os eventos mentais tenham tais correlatos. Nós aceitamos, portanto, isto sob um reconhecimento

que vai além da evidência, mas não é, pensamos, contraditório a ela – assumindo assim uma posição filosófica bastante familiar. Nós insistimos que, pela natureza do caso, só podemos “gozar” dos correlatos psíquicos da vida e da matéria que estão envolvidos em todo o sistema psíquico integral em nosso nível de mente. Com correlatos psíquicos da vida apenas no nível B, e da matéria apenas no nível A, nós não podemos ter conhecimento direto; pois não podemos *ser* uma ameba em um nível, ou uma molécula em outro nível, de modo a estarmos *assim* familiarizados com o atributo psíquico que só ela pode “gozar”.

Não é necessário acrescentar que não há relação causal entre um atributo e outro. Para modernizar Spinoza: o plano ordenado de avanço no atributo psíquico está estritamente correlacionado com o do atributo físico. Nós temos “uma e a mesma coisa [evolução], embora expressa de maneiras diferentes” (Eth. Pt. II. Prop. vii. cf. *scholium*).

Afastei-me do meu texto – tratamento do Sr. Alexander – para colocar a posição à minha maneira e não a dele. Volto agora ao texto para levantar algumas questões – em parte verbais, mas certamente também algo mais.

Começando com o tempo como, no sentido pretendido, a mente do espaço, o Sr. Alexander considera cada qualidade na hierarquia ascendente como um aspecto mental superior superveniente no curso do progresso evolutivo e aquilo que está abaixo dele – aquilo que denomino como envolvido – como jogar para esta mente a parte de seu corpo. Assim, uma qualidade secundária é, diz ele, a mente de seu substrato primário (S.T.D. II. p. 60); vida é a mente dos eventos físico-químicos; consciência é a mente do organismo vivo nos quais ela emerge. Além disso, se não me engano, cada qualidade superior desempenha também o papel de deidade para aquela que está abaixo dela.

Eu não posso seguir aqui seu exemplo. De qualquer forma, eu deveria colocar a posição de maneira diferente. A palavra “mente” parece ser usada em pelo menos dois sentidos: (1) como o nome de uma qualidade em um nível distintamente emergente; (2) significar o correlato daquilo que também é um processo corporal ou físico – tal correlato implica identidade substancial. Se for usada no primeiro sentido, parece desaconselhável aplicá-la a qualquer coisa que não seja essa qualidade distintiva. O máximo que pode ser dito é que a vida está para a matéria no mesmo tipo de relação que a mente está para a vida. E isto, creio, pode ser melhor expresso dizendo que a vida envolve uma base de matéria, assim como a mente envolve uma base de vida. A relação comum a ambas é aquela que chamo de involução.

E se a palavra “mente” for usada neste último sentido, devo insistir que, *qua* correlata, ela se situa *no mesmo nível* daquela com a qual está correlacionada – e não acima dela.

Eu penso, contudo, que o desacordo aqui reside, no fundo, mais nos modos de afirmação do que nos princípios de interpretação. Em todo caso, o que é comum a ambas é aquela hifenização dos dois atributos que eu denomino de correlação e ele de identidade substancial.

Há outra razão pela qual considero indesejável usar a palavra “mente” nos dois sentidos, (1) como uma qualidade que emerge em um nível atribuível na nossa hierarquia, e (2) como atributo correlacionado a *todos* os níveis. Muitos críticos da nossa tese insistirão que a *mente não emerge*. Isto é verdade para a mente (2) como correlata; *essa* mente não emerge. Mas existem níveis emergentes dessa mente, como correlatos; e é, em um nível atribuível, que a mente (2) *emerge*. É uma qualidade emergente da ordem psíquica correlacionada em um estágio aproximadamente definível de avanço evolutivo. Portanto, se dissermos que a mente emerge nesta fase, enquanto outros afirmam que a mente não emerge e não pode ser tratada como emergente, isto *pode* ser porque a palavra “mente” é usada nestes dois sentidos diferentes.

No que diz respeito à deidade, para a qual estamos trabalhando, devemos voltar ao *nisus*. Nós vimos que de um nível na hierarquia de níveis um novo tipo de existência emerge. Este fato de emergência progressiva é *nisus*, que é, portanto, algo mais do que o *conatus* de Spinoza (cf. §XXIV.). “Assim, o *nisus* do mundo se reflete na transformação de tipos que ocorrem, como atestado pela observação e pela teoria, dos níveis inferiores para os níveis superiores”. E é compartilhado por tudo. Dentro da nossa consciência reflexiva, dentro das mentes dos organismos inferiores, e mesmo das coisas materiais, ela “é sentida como um *nisus* em direção a algo não alcançado” (Sp. T. p. 72-7).

Aqui novamente eu tenho dificuldades. Em primeiro lugar, eu devo dizer que o *nisus* em direção à deidade – se a deidade for uma qualidade superveniente à consciência reflexiva – segue *uma* linha de avanço bastante específica. Caso contrário, não consigo ver que resposta pode ser dada à pergunta: como você propõe caracterizar esta qualidade de deidade? Não deveria ser suscetível pelo menos de indicação, se não de definição? Se assim for, podemos dizer: deidade é aquilo que é exemplificado nesta ou naquela pessoa, ou grupo de pessoas, que atinge este nível emergente. Se *todas* as linhas de avanço exemplificam um *nisus* em direção à deidade – então a deidade deve ser caracterizada de alguma maneira diferente – digamos, aquela que é mais elevada em qualquer linha de avanço.

Agora eu quero colocar pressão sobre *uma* linha de avanço e interpretá-la literalmente; e eu quero enfatizar o que isso pode implicar. Parece, conforme penso com base nas evidências, que quanto mais nós ascendemos na hierarquia – e especialmente quando alcançamos as pessoas humanas – a complexidade emergente é tal que parece justificável dizer que não existem duas pessoas exatamente iguais. Cada pessoa é um produto exclusivamente individual ao longo de uma das muitas linhas de avanço – digamos, Shakespeare, Goethe, Newton e Darwin. Se assim for, o *nisus* em direção à deidade em sua linha estritamente central deveria culminar em uma pessoa única, no próprio ápice da pirâmide. Se uma pesquisa histórica imparcial deve levar à conclusão de que o *nisus* em direção à deidade culminou em um indivíduo único, não há, até onde posso ver, nada na interpretação naturalista da evolução emergente que impeça a aceitação desta conclusão.

Tomemos, no entanto, a visão de que *todas* as linhas de avanço exemplificam, em algum sentido, um *nisus* em direção à deidade, e que a deidade deve ser definida de tal maneira que esteja de acordo com esta visão – digamos “algo mais elevado ainda não alcançado” – mesmo assim o inatingível, como tal, parece implicar aquilo que ainda não é; e isto, penso eu, só pode ser previsto, ainda que obscura e vagamente, quando o nível da mente consciente for atingido.

Mas, à parte algumas questões em que sou levado a discordar, eu concordo plenamente que, ao longo de multifacetadas linhas de avanço – todas, sem dúvida, interligadas por linhas ramificadas em um sistema da natureza – há, como resultado líquido, um progresso ascendente e para frente (apesar de muitos retrocessos), que é o que procuro enfatizar no âmbito da evolução emergente.

Nós chegamos então finalmente ao conceito de Atividade.

Uma questão antiga – não na ciência, mas na filosofia – assume para nós uma nova forma. O que faz surgir os emergentes? O que dirige o curso dos eventos em que uma linha saliente é o *nisus* em direção à deidade? Alguns podem dizer que não sabemos e não podemos saber. Outros podem perguntar que necessidade existe de uma Fonte de emergência diretiva. Por que não deveria prosseguir sem uma? No entanto, outros podem insistir que é inútil colocar em uma Fonte ativa exatamente o que se diz que sai dela. Pois se houver menos, resta alguma coisa a ser explicada; e se houver mais (*eminenter*, como disseram os escolásticos), que evidência disso ainda está disponível?

Por outro lado, pode-se afirmar que aquilo que mencionei no início como o plano abrangente de sequência de todos os eventos naturais é certamente, por si só, evidência

suficiente do Propósito; e isto implica, diz-se, alguma Mente através de cuja Actividade (eu uso letras maiúsculas iniciais para conceitos deste tipo), o curso dos eventos é dirigido. Nós temos, no entanto, neste conceito de Mente, (3) algo diferente da mente (1) como uma qualidade emergente, pois esta é diferente da mente (2) como correlato universal. É difícil evitar o uso da palavra “Mente” neste sentido. Talvez a letra maiúscula seja suficiente para indicar que ela compreende indefinidamente mais do que a mente no sentido (1); ou pode ser diferenciada como Espírito.

Agora, além da correlação, que eu aceito sob o que chamo de reconhecimento, aceito, também sob reconhecimento, um mundo físico que existe por si só, de forma bastante independente de qualquer mente humana ou subumana. Por que aceito isso *sob reconhecimento*? Porque não estou convencido de que a sua existência possa ser irrefutavelmente estabelecida sob a luz da crítica filosófica moderna. Eu admito então que, ao aceitá-lo, vou além da evidência positiva. Mas afirmo que ele não incorpora nada que seja discrepante com ou contraditório a essa evidência. Como, então, posso alcançar este mundo físico reconhecido? Seguindo para baixo a linha da “involução” até chegar ao que é, para a minha filosofia construtiva, o conceito limitante. Mas se, da mesma maneira, eu sigo para cima a linha da “dependência”, eu alcanço novamente (para a minha filosofia construtiva) um conceito limitante – o da dependência última em termos do qual todo o curso da evolução emergente é explicado (e não meramente interpretado) dentro de um esquema consistente e equilibrado. Isso também eu aceito sob reconhecimento. Também ele está, penso eu, além da prova pela evidência positiva que a crítica filosófica exige e, dentro do seu âmbito, tem razão em exigir. Mas é discrepante com ou contraditório a qualquer evidência positiva que somos obrigados a aceitar com piedade natural? Eu acho que não. E sinto-me, portanto, livre para exortar a sua legitimidade sob reconhecimento. Isto, para mim, conduz para cima em direção a Deus, como atividade diretiva dentro de um esquema que visa a consistência construtiva.

Muito mais, é claro, está nos bastidores desta maneira divulgada. Devemos buscar a relação do Deus assim mal reconhecida com aquelas pessoas nas quais existe alguma medida da qualidade da deidade. Para o Sr. Alexander, a deidade, não menos que a mente (no sentido 1), é uma qualidade emergente. Ele distingue entre “deidade como uma qualidade e Deus como um ser”. E ele diz que “Deus, como realmente possuidor de deidade, não existe, mas é um ideal, está sempre se tornando; mas Deus, como todo o universo tendendo à deidade, existe” (*Mind*, XXX. p. 428). De acordo com a segunda parte desta afirmação, com o seu anel de Spinoza, Deus, como ser, é o *nisus* do universo avançando para níveis ainda não alcançados; ou, como eu preferiria dizer, é o *Nisus* diretivo do curso

dos eventos. No que diz respeito à primeira parte, surge a questão crucial se, e em caso afirmativo, em que sentido, tal ideal é verdadeiramente Real.



